

Conversas com Susana Antonovna - parte 2

Se José Marcondes, o jovem brasileiro que tinha a Susana, patronímico Antonovna, por amiga, lhe perguntou alguma vez, quando ela o apanhava com o táxi, como viera parar em Wisconsin, eu não sei dizer.

Mas creio que em uma dessas caronas ela mencionou que viajara desde a Rússia para os Estados Unidos muito jovem, e sozinha, o que é admir´vel em uma criança, até mesmo em um adulto. Nem toda aventura do mundo é dos grandes, nem todo enfado dos pequenos. Mas que digo? Muita vez, quase sempre, ao menos me ocorre agora e em outra ocasião, a criança parece ignorar o enfado. Eu mesmo s&ocute; lhe esqueço na hora de dormir serenamente e quando sou lisonjeado, e essas coisas não são muito frequentes.

O Sr. Marcondes mirou em fantasia essa viagem, e lhe pareceu que devia ter sido dolorosa, ao mesmo tempo doce.

- Bem, foi o que se passou. Eu j´ vivi mais circunstâncias do que posso contar -- Respondeu Susana Antonovna.

- Eu não. Eu sou um homem simpl&ocute;rio, a minha vida é um disco arranhado, sem muito que notar, senão o enfado, o qual por sua vez pode ser uma linha narrativa tão exuberante quanto tortuosa, e é o mais que fazem essas velas, se apresentar tortuosas. -- Tornou o Sr. Marcondes.

- Tu és o homem mais misterioso que conheci. -- Declarou Susana, mãos no volante e a mesma serenidade vibrante de sempre, tanto que sequer se movia para destacar o bom humor, indo o seu espírito a desembocar em sadio sorriso.

- O ser misterioso é de fato um elogio, e um atributo divino, na verdade. -- Replicou o Sr. Marcondes.

- Nesse caso dizer de alguém que é misterioso ser´ ador´-lo? -- Perguntou Susana.

- É uma pergunta que faz sentido. Se diz que Deus tem uma sabedoria infinita, que constitui um mistério insond´vel. Os nossos mistérios pessoais podem ser explicados por aquilo que Deus não ignora a respeito, e a opinião dEle não ser´ certamente desprezível, não importa o quanto conheçamos o nosso mistério. Ser misterioso talvez seja o mesmo que participar, em colaboração com Deus, do esconder o grande mistério que ele contém, e que não nos é dado conhecer. Uma colaboração modesta, por certo, mas que lhe aprouve nos conceder. Ele j´ nos deu muito, talvez mais do que saibamos, se isso significa algo. -- Respondeu o Sr. Marcondes.

- Deus é tão rico assim, por tr´s do mistério que nos apresenta? Afinal, quem ele é? Como ele é? -- Perguntou Susana.

- O que sei sobre Deus, para ser breve, é que ele é melhor do que tudo e todos. -- Respondeu o Sr. Marcondes.

- De que modo? -- Tornou a sua amiga.

- A alegria e felicidade de que ele est´ carregado supera a da pessoa mais feliz que conhecestes. A pessoa mais bela, não é tanto quanto ele. Ele é mais inteligente, mais bondoso, mais amoroso do que qualquer um. E também é mais poderoso. Basta querer para tudo fazer, embora nem tudo quanto ele possa fazer n&ocute;s possamos imaginar.

- Nesse caso quisera eu ser Ele! -- Exclamou Susana.

- Ser como Ele não d´, mas ser salvo é o mesmo que participar da vida íntima dEle, e isso é mais do que merecemos, sobretudo é mais do que imaginamos.

- Tu queres ser salvo... -- Observou Susana.

- Todos tem direito a um sal´rio, se o meu coincide com ganhar o jogo da vida, e com o jogo uma eternidade sem qualquer sofrimento, em um banquete sem m´cula e... sem fim; bem, assim seja! -- Afirmou o Sr. Marcondes.

- Esperas um banquete? -- Perguntou Susana.

- Algo por aí. Se a imagem não vale mil palavras, valer´ ao menos por uma imagem. -- Respondeu o Sr. Marcondes.

- Por que Deus não concede-te desde j´ o banquete sem fim?

- Porque ele é meu Pai. -- Respondeu o Sr. Marcondes.

- Perdão? - Perguntou Susana Antonovna, sinceramente procurando aprender.

- Se perguntares a uma criança por que ela obedece o seu pai, dar´ ela a resposta por extenso ou uma bem parecida com a que acabei de dar? -- Indagou o Sr. Marcondes, por sua vez.

- A segunda opção. Mas acaso és uma criança? -- Perguntou Susana.

- Das mais choramingonas. -- Respondeu o Sr. Marcondes.

- Tu és engraçado. -- Tornou Susana, rindo-se abertamente. -- Por acaso é essa a ideia que tens de Deus, como um pai benevolente? Ele é bom para todos?

- Ele foi benevolente o suficiente para nos conceder a vida, como os pais fazem sempre; e ainda, não cansado em nos presentear, desejou nos adotar, para que nos torn´ssemos filhos dEle como Jesus Cristo.

- Como? -- Perguntou Susana Antonovna.

- Eu falo da adoção que nos torna salvos. -- Respondeu o Sr. Marcondes.

- Hum.

- É um mistério. -- Respondeu o Sr. Marcondes. -- Ali´s o catolicismo fala muito a respeito porque de fato h´ muitos

mistério.

- Como é aquilo da Santíssima Trindade mesmo? -- Perguntou Susana, como remanescente.

- São três pessoas e um Deus. -- Declarou o Sr. Marcondes.

- Ah sim. Um fórmula absurda. -- Replicou Susana.

- Misteriosa sim, absurda também; figurativamente, porque tem em comum com o absurdo o fugir à unidade explicativa. No caso do mistério, isso sucede porque nos falta a informação com que demonstrar a coisa do princípio ao fim, o que aliás desnecessário aos olhos da fé.

- Dize-me mais sobre a Trindade. -- Pediu Susana Antonovna.

- Existe um terceiro papel que torna Deus um pai, aparte de nossa filha adotiva. E que faz algum tempo, aliás a eternidade mesma, que ele gerou a segunda Pessoa divina, o Filho, que é Jesus Cristo que falou aos homens. Por isso também chamamo-lo de Pai.

- Ele criou o Filho. -- Observou Susana, carregada de objeção.

- Na-na-ni-na-não. O Filho foi gerado desde a eternidade, ele não passou a existir, como as criaturas, mas é eterno porque também é Deus. E o amor que procede de ambos, o Espírito santo, também procede deles desde toda eternidade.

- O Espírito Santo depende dos dois para operar. -- Observou Susana.

- O Espírito Santo -- replicou o Sr. Marcondes elevando o tom de voz, e carregado do prazer que está em proclamar a verdade -- é Deus. É impiedade dizer de qualquer das três pessoas divinas que é desigual ou diferente no que quer que seja. Se você não sabe, a impiedade é a aversão à responsabilidade religiosa, e porventura um pecado moral também.

- Eu nunca o soube nem o podia imaginar. -- Afirmou Susana Antonovna. -- Queres dizer que os Três...

- Também a mesma majestade e a mesma Glória. -- Confirmou o Sr. Marcondes. -- E se te parece difícil, usa a fórmula "unidade quanto à essência (essência sendo aquilo que torna algo o que é) e distinto quanto à existência". Muito bem, se o fizeres estarás pronta para compreender a doutrina infalível, naturalmente sendo esta a católica, e pronta a estar imune contra toda heresia e erro, e a replicar, em face dos hereges e pagãos, essas verdades que lhes fazem ranger os dentes.

- Uau, eu quero te dar um soco por tal chauvinismo! -- Exclamou Susana.

- E eu desejo te ser grato, quer me desesocos ou não. Contanto que haja algum irritado com receber a doutrina católica, estarei grato, alegre e tranquilo. Fiz minha parte, e entro no banquete sem fim. -- Disse Marcondes.

A dizer a verdade, o Sr. Marcondes não ignorava que a sua retórica soava inumana e falha, o que aliás acontece na melhor das famílias, infelizmente, pensava ele consigo, na melhor das religiões. Mas sucede que a verdade é inumana, porque independe do homem. Ela é inumana porque é perfeita, mas é inumana porque soa, essa brisa longínqua corrompida ao longo do caminho, imperfeita.

- Susana... -- Dirigiu-se-lhe o Sr. Marcondes.

- Sim? -- Indagou Antonovna.

- Eu desejo capturar o tempo, voltar à esperança e ao amor primeiro pela Igreja e seus ensinamentos. Eu quero que Ela triunfe. Eu quero que, não importa quão moroso, confuso e mudo seja o ar em torno dela, permaneça a fé nos seus ensinamentos infalíveis, eu quero que a minha alma nunca deixe de se abrasar pela paixão pela Igreja.

- Não é isso uma loucura? -- Perguntou Susana, de tal modo a sua voz surgia como uma confissão cheia de bondade, que o Sr. Marcondes sentiu amor por ela e desejou de todo coração que fosse salva pela fé na Igreja, para si e uenica via de salvação.

- O extremo da loucura e da miséria é dissindir das verdades reveladas por Deus. -- Declarou o Sr. Marcondes.

- Por que Deus não impede as pessoas de dissindirem, então? -- Perguntou Antonovna.

- De fato eu não sei, porque ele poderia impedir, creio-me.

- Uma resposta incomum -- disse-lhe Susana -- geralmente as pessoas respondem com o argumento do livre arbítrio humano, no qual Deus não se mete. Não queres ver a coisa por esse lado?

- Apenas uma parte pequena do que Deus pode fazer é compreensível ao homem. É claro, por isso mesmo a onipotência de Deus também nos é misteriosa. Ele não pode pecar, ignorar, enganar ou ser enganado. Não é a possibilidade de fazer essas coisas que chamamos a sua onipotência. Eu acredito, sem hesitação, Susana, que nada é impossível para Deus. É por isso que não me dá crédito que a primeira mulher foi tirada de uma costela do primeiro homem.

- Mas José!? -- Exclamou Susana.

- Tens um raciocínio silogístico para demonstrar que não foi como estou dizendo? -- Perguntou o Sr. Marcondes.

- Não. -- Tornou Antonovna.

- Ora vamos, as pessoas acreditam com frequência em coisas estúpidas que sabemos, factualmente, serem ilusões. Isso não

é uma delas. Eu posso demonstrar que não me viste na Disneylândia hoje pela manhãe;. Mas não me podes demonstrar que Adão e Eva não aconteceram.

- Quase ninguém é capaz de acreditar... -- Iniciou Susana.

- Minha cara, um católico tem a vantagem diante daqueles cuja expectativa diante da vida é no mínimo modesta, de nunca se desencorajar diante da grandeza de um benefício que deseja de Deus. Isso porque sabe que Deus é onipotente: quem quer que espere o que seja dos Céus tem de acreditar nessa onipotência. Se Deus quiser que passe a existir somente a cor azul para nós, agora, eu creio que Deus irá realizá-lo. Ele pode curar a minha gripe. Fazer nascer uma perna de novo, depois de a haverem decepado.

- Ele pode demonstrar a Santíssima Trindade com argumentos silogísticos, do princípio ao fim? -- Perguntou Susana.

- Eu aposto a minha vida que sim. -- Respondeu Marcondes.

- Ele pode fazer que o sol desapareça e adquiramos a capacidade de resistir ao frio que nos abalaria?

- Pfu... Isso seria para ele bem fácil.

- Ele poderia tornar a lua um pedaço de queijo? -- Perguntou ainda Susana Antonovna.

- Até onde sei ele poderia muito bem játê-lo feito por alguns instantes, só por brincadeira.

- Ele pode prolongar a nossa conversa por mais cinco anos, ininterruptamente? -- Perguntou Susana, jáa estacionar o carro diante do hotel onde o Sr. Marcondes morava.

- Para isso Ele teria de dissipar o meu cansaço, o que, confesso, Ele não fez. Tenho de dormir um pouco. -- Respondeu o Sr. Marcondes, retirando-se do táx.

- Repete-me a lição a respeito da Santíssima Trindade, peço-te -- disse-lhe Susana, para a surpresa dele.

- Cada um é todo-poderoso, mas não há três todo-poderosos, apenas um. Ademais, o Pai é tradicionalmente chamado todo-poderoso, pois é a fonte de toda origem, e muito embora esta afirmação seja por si misteriosa; o Filho tem a sabedoria, pois é o Verbo do Pai; e o Espírito Santo tem a qualidade de bondoso, pois é o amor dos dois primeiros. Cada uma das pessoas divinas pode receber qualquer desses adjetivos, de acordo com a regra da fécatólica. Portanto não te sintas envergonhada por chamar o Pai de Bondoso e o Espírito Santo todo-poderoso. Agora tenho de ir -- disse o Sr. Marcondes, estendendo-lhe uma nota de dinheiro -- boa noite.

- Boa noite!

Sobre o Autor

Pedro Henrique de Lima é escritor e estudante independente.

Source: <http://www.artigopt.com>